

# 17

## A escrita literária e as linguagens na ficção moçambicana

---

Aurélio Cuna

### Introdução

A terminar o seu primeiro livro de ensaios, *A Escrita Infinita* (Noa 1998:121), Francisco Noa enfatiza a ideia 'barthesiana' de que a literatura, no acto de mobilizar, desvairar e dissimular saberes, encontra um dos meios mais singulares de ligar a escrita ao mundo, às experiências e expectativas do leitor, mas também, ao mesmo tempo, de alargar, perturbar e questionar os limites dessa ligação. Constituem exemplos desse alargamento, dessa perturbação, desse questionamento, os prefácios, posfácios, notas de apresentação de obras, a crítica (literária ou não literária), as abordagens de natureza pedagógica, entre outras. Trata-se, empregando as palavras de Noa, de escritas que lêem ou, por outra, de leituras que escrevem numa interacção permanente (Noa 1998:10).

Este entendimento do exercício de escrita e de leitura de textos (literários) não só substantiva a natureza dialéctica que caracteriza o ler e o escrever, mas também evoca a possibilidade de se explorarem as diferentes dimensões textuais inscritas nesse exercício. É, pois, dentro desta perspectiva que enquadrámos o presente tema. Concretamente, pretendemos reflectir em torno da linguagem olhada do ponto de vista da dialéctica leitura/escrita literárias. Para isso, tomamos como objecto da reflexão algumas obras da ficção literária moçambicana.

### As personagens/ narradores e a figuração das linguagens

A escrita literária, como exercício de imaginação artística, consiste na representação (figuração) da linguagem. Entendida neste sentido, a representação institui-se como expressão do espírito e da concepção do mundo dos sujeitos falantes (personagens/ narradores). Realçando o valor da figuração da subjectividade

dos sujeitos falantes através da linguagem, Noa (2009:86) encara a narrativa como constelação de vozes. O autor retoma os estudos 'bakhtinianos' da especificidade e pluralidade de vozes, sublinhando o papel do romantismo e do realismo-naturalismo na consagração da voz não só do narrador, mas também de outras vozes até então em silêncio e sem visibilidade literária. De acordo com Noa, a confluência de vozes instaura uma instigante polifonia através da qual é possível perceber a diversidade das linguagens individuais, sociais e culturais que rodeiam e que povoam o espaço literário. Ainda em *As Falas das Vozes Desocultas*, esse autor sublinha a histórica contribuição de Bakhtin em relação à presença de vozes na narrativa literária. Para este teórico, o romance, género paradigmático da narrativa, é um espaço polifónico, plurilinguístico e pluriestilístico que se caracteriza pela estruturação da linguagem, pela diversidade das linguagens sociais e pela divergência das vozes individuais que aí ressoam. Da sábia colocação de Bakhtin, importa realçar a dimensão plurilinguística da narrativa literária que, por seu turno, remete para os padrões linguísticos escalpelizados por Oswald Ducrot na sua discussão sobre a norma.<sup>1</sup> Na ocasião, socorrendo-se das contribuições de Hjelmslev e Coseriu, o estudioso francês chega à importante conclusão de que a norma linguística define um certo nível de abstracção na análise do dado, no estudo dos empregos efectivos (Ducrot & Todorov 1978:157-9). É, pois, neste sentido que entendemos as diferentes facetas da figuração da linguagem na narrativa literária moçambicana, resultantes desse nível de abstracção na análise.

Em 'A propósito de Vozes Anoitecidas', prefácio à segunda edição de *Vozes Anoitecidas*, publicado na página literária *Gazeta de Artes e Letras* de 9 de Agosto de 1987, José Craveirinha escreve: 'Mia Couto maneja a linguagem das suas figuras legitimando a transgressão lexical de uma língua estrangeira com o direito que lhe permite o seu papel de parente vivo de *Vozes Anoitecidas*.' Com estas palavras, o poeta-mor topicaliza, com inquestionável lucidez, a faceta criativa da linguagem, segundo se pode deduzir no seguinte trecho do mesmo texto: 'Mia Couto consegue na escrita reflectir vivências e particularismos sem descer ao exotismo gratuito, folclorismo cabotino. Igualmente sem se estatelar no linguajar chocarreiro de baixo nível, sem cair na chacota ou indigenato de burlesca ironia do senso de humor pró-colonial.' Por seu turno, Gilberto Matusse (1998:182-3), referindo-se ao desregramento da linguagem em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa, cita Octávio Paz na defesa da desconstrução e recriação da língua espanhola para que ela se torne mexicana sem deixar de ser espanhola. Se, por um lado, o desregramento se justifica dentro do quadro da recriação da linguagem, por outro, explica-se pela classificação dos usos da linguagem a partir do nível padronizado. É sob o signo desta faceta da linguagem que seleccionamos alguns exemplos:

a) *registo padrão*: designa o emprego considerado correcto da linguagem, isto é, caracterizado pela correcção gramatical. Também se chama norma. Regra geral, os narradores recorrem a este registo:

Despede-se e retira-se para a paragem dos autocarros, de regresso à cidade, com a esperança de que, mais cedo do que tarde, ver-se-iam bons resultados (Muianga 2004:64).

[...] E é assim que a encontra, impaciente, a meio caminho entre a tristeza de ver a loja assim destruída e a maquinação dos seus planos imediatos, o suado e esbaforido encarregado a quem alguém avisara da chegada do Estrela-do-Mar.

- Agora é que você chega, seu vadio!
- Andei por aí, senhora, a buscar informações para lhe dar. Não valia a pena estar na loja. Não há nada para vender.
- Informações de quê, meu malandro?! Não me venha com desculpas que eu nasci há muito tempo. Não é você que me vai ensinar (Borges Coelho 2003:204).

Por seu turno, as personagens representantes dos extractos sociais privilegiados usam a língua correctamente, empregam a linguagem padrão. A respeito do registo padrão, Ducrot (Ducrot & Todorov 1978:157) refere que nas sociedades ocidentais a distinção da boa e má linguagem não é menos importante, pois que a posse da boa linguagem é uma das marcas das classes sociais dominantes. Esta é a ideia dominante na representação das falas das personagens na ficção moçambicana:

Makhulo Mamba fala agora de juramento. Terá chegado a hora? Pára de pensar e arrepia-se: banho de bode outra vez não, meu Deus!

- Prova de coragem?
- Sim.
- Qual prova?
- im, é uma formalidade pela qual passam todos os que buscam a protecção de Makhulo Mamba.
- Se eu falhar a prova?
- És um homem digno de respeito. Não é qualquer um que arruína a vida de mais de mil trabalhadores... (Chiziane 2000:151).
- Não o encontramos, camarada administrador.
- É impossível.
- Procurámo-lo pelo rio todo.
- E como é que o corpo não apareceu?
- Os crocodilos devem tê-lo comido (Ba ka Khosa 1990:78).

Como estes exemplos, outros segmentos textuais podem ser lidos em Aníbal Aleluia, Marcelo Panguana, Suleiman Cassamo, Luís Bernardo Honwana, Orlando Mendes, João Dias, entre outros.

*b) registo parapadrão:* resulta de um processo criativo da linguagem, baseado fundamentalmente na generalização das regras do português *standard*. A escrita de Mia Couto é o exemplo paradigmático do recurso a este tipo de registo:

Enterram o último cadáver. O rosto dele nunca chegou a ser visto: arrastaram-no assim mesmo, os dentes ‘charruando’ a terra”; “Do lugar onde eu me ‘ensonava’ eu podia ver o céu... (Couto 1992:12, 101).

*c) registo antipadrão:* refere-se ao emprego incorrecto das regras gramaticais, eventualmente decorrente da fraca ou nula competência linguística dos falantes. Este registo caracteriza as falas das personagens e/ou personagens–narradores oriundas das camadas mais baixas da sociedade:

Eh, pá, Alfredo, como que você sabe ‘essas coisa toda’?

- Pensa o quê, ‘final’, você?, pensa eu sou badameco ou sou quê que é?
- Não, ‘não pensa isso’, só que é difícil ‘creditar isso’ (Bucuane 1989:44).

Dias antes da sua morte, Carlota tentara contar à mãe o sonho macabro que nas vésperas tivera.

- Mamã, vou morrer. Sonhei que morria.
  - Oh, minha filha, quer você dizer ‘escansa’ primeiro. Mas ‘pelmenos’ se Deus levasse primeiro criança, por causa ele diz ‘gosta as criancinhas’.
- (Manjate 2006:20).

Quer o registo padrão, quer os que apelidamos de parapadrão e antipadrão, traduzem a visão linguística de hierarquização do uso da língua pelos falantes. Entretanto, dentro do enfoque particularmente literário, os exemplos apresentados constituem uma modesta amostra da vigência de múltiplas linguagens na ficção moçambicana. Este não é um facto isolado, decorre da sistemática tendência literária moçambicana de ‘pintar a cor local’. Um local, na verdade, multicolor, isto é, caracterizado por uma heterogeneidade linguística, social, económica, política e cultural.

## Notas

1. Segundo este autor, entre as motivações que puderam levar a descrever as línguas nota-se frequentemente a preocupação em fixar com precisão um bom uso, uma correcção, uma ‘norma’ linguística que reteria apenas algumas das maneiras de falar efectivamente utilizadas, e que rejeitaria as outras como lassas, incorrectas, impuras ou vulgares. Esta norma pode dizer respeito à pronúncia – chama-se-lhe então ‘ortoépia’ – à escolha do vocabulário, à morfologia ou à sintaxe. (Ducrot & Todorov 1978:157).

### Referências

- Ba ka Khosa, Ungulani, 1990, *Orgia dos Loucos*, Maputo: AEMO.
- Borges Coelho, João Paulo, 2003, *As duas Sombras do Rio*, Lisboa: Caminho.
- Bucuane, Juvenal, 1989, *Xefina*, Maputo: Tempográfica.
- Chiziane, Paulina, 2000, *O Sétimo Juramento*, Lisboa: Caminho.
- Couto, Mia, 1992, *Terra Sonâmbula*, Lisboa: Caminho.
- Ducrot, Oswald; Todorov, Tvetan, 1978, *Dicionário das Ciências da Linguagem*, Lisboa: Dom Quixote.
- Galves, Charlotte; Garmes, Hélder; Ribeiro, Fernando Rosa (org), 2009, *África – Brasil: Caminhos da Língua Portuguesa*, Campinas: Editora Unicamp.
- Manjate, Lucílio, 2006, *Manifesto*. Maputo: TN-Net.
- Matusse, Gilberto, 1998, *A Construção da Imagem da Moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani ba ka Khosa*, Maputo: Livraria Universitária.
- Muianga, Aldino, 2005, *Meledina ou a História duma Prostituta*, Maputo: Ndjira.
- Noa, Francisco, 1998, *A Escrita Infinita*, Maputo: Livraria Universitária.

